

Ética e *ethos* jornalísticos na produção de Caco Barcellos: os parâmetros éticos como narrativa impressa e as práticas evidenciadas nas edições do programa ‘Profissão Repórter’¹

Caio Cardoso de QUEIROZ²

Iluska Maria da Silva COUTINHO³

Universidade Federal de Juiz de Fora

As discussões acerca da ética do jornalismo são aspectos basilares da formação do que se chama de *ethos* da profissão, o conjunto de práticas e narrativas que identificam os jornalistas como tais. É partindo do trabalho de Caco Barcellos como referência, tanto em seus livros-reportagem quanto sua produção em televisão que direcionamos nossos olhares neste trabalho. Por meio de uma análise dos livros-reportagem, buscamos compreender quais são os critérios estabelecidos como padrões éticos recomendáveis de seu trabalho e procurar a correspondência destes parâmetros no Profissão Repórter. Neste programa, questões relativas à produção e ao lugar de fala do jornalismo ganham relevância, especialmente após uma edição, na qual há hostilidade à presença de Caco Barcellos num protesto de rua, num questionamento da posição da empresa para a qual ele trabalha.

Palavras-chave: Jornalismo; Ética; Caco Barcellos; Profissão Repórter

1. Introdução

Quais são os conceitos e reflexões acerca da ética de sua profissão os jornalistas podem acionar durante a sua rotina de produção de modo a valorizar o trabalho jornalístico crítico e de qualidade? Procuramos, no presente trabalho, compreender os caminhos utilizados por Caco Barcellos, enquanto profissional de referência, na construção da prática jornalística pautada pelos princípios éticos e em busca da credibilidade.

Na edição do dia 18 de junho de 2013 do Profissão Repórter, sobre as manifestações de rua que tomavam conta do país, é mostrado um momento no qual a presença de Caco Barcellos é tratada com hostilidade, como um questionamento do lugar de autoridade do próprio Barcellos e de todo o jornalismo da Rede Globo, ainda que ele gozasse até então um lugar de referência tanto entre os profissionais quanto entre o público.

¹Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, da Intercom Júnior – IX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduando de Comunicação Social – Jornalismo pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Bolsista PET MEC/SESu. caiocardosode@yahoo.com.br

³ Orientadora do trabalho. Jornalista diplomada, professora do Departamento de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Bolsista produtividade em Pesquisa do CNPq. iluskac@uol.com.br

Questões relativas à identidade da profissão jornalística se colocam fortemente em voga na medida em que se discutem as práticas da rotina profissional e, por consequência, da ética jornalística como um todo, segundo Nelson Traquina. Os aspectos que envolvem a formação de um jornalismo ético e de qualidade passam pelo papel social da profissão, da credibilidade do material por ela produzido e publicado.

A ética jornalística pode ser apresentada, segundo Mayra Rodrigues Gomes(2002), como um conjunto de valores mapeados num amplo espectro de rotina produtiva do jornalismo e de sua inserção/impacto social. A partir disso, podemos analisar como esses problemas constituem-se parte do discurso jornalístico de autoria de um profissional reconhecido como uma referência na produção jornalística. Caco Barcellos foi vencedor de mais de vinte prêmios por reportagens especiais e documentários para televisão.

A partir dessa narrativa consolidada é que surge a posição de autoridade do jornalista, consolidada numa postura quase professoral dele na relação com profissionais em formação ao lidar com “os desafios da reportagem” no programa “Profissão Repórter”. Conhecendo a centralidade dos programas e processos televisivos numa sociedade como a brasileira, podemos entender que o Profissão Repórter é um dos grandes momentos de repercussão do trabalho deste profissional e pode ser lido como a consolidação da posição privilegiada dele com relação à produção jornalística em geral.

Com o objetivo de compreender sob quais réguas Caco Barcellos mede ou constrói as ações que correspondem à ética profissional em seus livros, voltamos nossas análises também para o material divulgado no programa televisivo. Procuramos entender quais são as correspondências ou discordâncias entre estes preceitos e as práticas evidenciadas no conteúdo coordenado por Barcellos no Profissão Repórter na construção do lugar de autoridade não somente deste jornalista, mas da sua prática profissional.

2. Um breve histórico da produção de Caco Barcellos

Barcellos tem seu trabalho marcado por uma narrativa reconhecida tanto entre os profissionais quanto pela crítica e pelo público pela recorrência de preocupações sociais e da defesa dos Direitos Humanos. Em 1993 ele publica o livro-reportagem ‘Rota 66’, no qual ele conta a história de um esquadrão da PM paulista que atuou entre as décadas de 70 e

90 com práticas de tortura e perseguição de suspeitos. Com este livro, foi premiado com o Premio Jabuti de melhor livro de não-ficção do ano.

Em 2004 voltou a ganhar o Premio Jabuti pelo livro ‘Abusado – o Dono do Morro Dona Marta’, que narra a história de Juliano VP, codinome usado no livro para falar de Marcinho VP, um conhecido traficante carioca. Este outro livro aborda a lógica de formação dos moradores daquela favela, evidenciando a pobreza, as péssimas condições de higiene, a brutalidade policial e a desesperança dos moradores.

As denúncias contidas nos livros passaram também por uma documentação de seu processo de trabalho, desde as dificuldades de apuração em alguns momentos até as práticas jornalísticas em seu envolvimento com a empresa e/ou com o seu público. Tanto na narrativa do Rota 66(2004) quanto no texto de Abusado(2004), ele traz reflexões sobre como ele personagem e jornalista se coloca frente a determinadas situações de conflito, abordando a importância do bom exercício da profissão para as pessoas que precisam do jornalismo, estabelecendo os parâmetros de suas ações.

Criado em 2006, o ‘Profissão Repórter’ surgiu como quadro do Fantástico, da TV Globo. Em 2008 o programa ganhou horário fixo na grade da emissora e busca trazer não somente os fatos a quem assiste ao programa (através da múltipla abordagem de um mesmo tema por várias equipes), mas também todo o caminho e as dificuldades de jovens profissionais na atuação em casos específicos e complexos. No programa, o repórter experiente, Barcellos, orienta os jovens jornalistas durante a execução das matérias, mostrando erros e acertos no trabalho com uma postura professoral. Assim, traz à tona algumas discussões éticas relevantes a todas as pessoas, incluindo aí o universo jornalístico principalmente, isso em um formato que atrai um público jovem, antes pouco interessado em material jornalístico televisivo em geral.

É através da utilização inicial de conceitos de jornalismo de qualidade e da ética jornalística que buscamos refletir acerca do modo pelo qual aparecem esses dilemas éticos e as discussões sobre o papel do jornalismo na rotina das pessoas no trabalho desse profissional. Tanto nos livros quanto em seu trabalho televisivo, Barcellos evidencia a importância desses temas. Esses dilemas aparecem diariamente no fazer jornalístico e questionamentos acerca do que é ético ou de qual o papel do jornalista nem sempre ganha destaque.

3. Parâmetros éticos no jornalismo

Quando analisa a ética profissional do jornalista, ABRAMO (1988, p, 109) ressalta que “A ética do jornalista é a ética do cidadão. O que é ruim para o cidadão, é ruim para o jornalista”, seguindo de perto a lógica de que o jornalismo tem um serviço cujo principal caráter é o interesse público. Porém, logo depois ele destaca que “Evidentemente, a empresa tem a sua ética, que é a dos donos. Pode variar de jornal para jornal, mas o que os jornalistas deveriam exigir seria um tratamento mais ético da empresa com relação a eles e a seus colegas” (ABRAMO 1988, p.109).

Em razão desta defesa da função social da prática jornalística, dos deveres morais e éticos envolvidos na prática profissional, diversos organismos internacionais passaram a elaborar códigos de ética para os jornalistas, evitando que a prática jornalística seja mais intuitiva e dando um caráter mais delimitado às ações. Francisco Karam em seus trabalhos recupera o código de ética para a profissão criado em 1910, em Kansas (EUA) e cita também o Código de ética dos Jornalistas Franceses, datado de 1918. No contexto brasileiro, o autor lembra o Código de ética dos jornalistas brasileiros, editado pela primeira vez em 1985 e o código de ética da Associação Nacional de Jornais, de 1991.

Phillip Meyer (1991) em sua obra ‘A ética no jornalismo’, argumenta que há pelo menos duas formas de códigos de ética atuando de maneira conjunta na formação do *ethos* profissional dos jornalistas. Ele destaca que, se por um lado a utilização dos códigos expressos traz consigo uma consolidação das formas ideais, que os jornalistas pensam ser a melhor forma de ação, por outro lado há também a existência de um código “oculto”, mais ligado à consciência de atuação dos jornalistas, sendo ele mais intuitivo e mais forte como guia nas ações para solucionar dilemas.

Dilemas éticos são ponto de destaque na formação deste *ethos* jornalístico, na medida em que esta formação de identidade das práticas profissionais são atravessadas pelos conflitos diariamente colocados. Traquina (2002) trata este o *ethos* jornalístico atualmente por meio de um pensamento no qual o jornalismo praticado é o próprio veículo de comunicação no qual ele se veicula, para equipar os cidadãos com instrumentos vitais para o exercício dos seus direitos e a expressão de suas preocupações. Olhando desta maneira, na qual o jornalismo se confunde com o veículo, temos que as práticas jornalísticas se ligam muito fortemente às práticas da empresa para a qual ele trabalha, por mais que esta empresa se coloque como guardião e fiscalizadora dos direitos do seu público.

Porém, qual será o posicionamento desta empresa ou mesmo dos profissionais a partir do momento em que o público demonstra que não se sente representado pela cobertura jornalística por ele proposta?

Neste panorama de questionamento dos lugares de autoridade de fala que o jornalismo normalmente toma para si como missão e objetivos, alguns profissionais como Barcellos ainda contavam com algum respaldo, dada sua posição de referência e reconhecimento anteriormente percebidos. A exibição, porém, de um momento no qual o público representado pelos manifestantes daquela ocasião recusa mesmo a presença deste profissional é emblemático por representar uma recusa ao jornalismo como instrumento da mídia de uma forma geral. É neste tipo de situação que Caco Barcellos costuma expor mais seus métodos e técnicas, como que para se isentar das críticas e se colocar mais disponível para “acompanhamento” do público.

4. Nas páginas dos livros-reportagem

Quando tratamos de analisar especificamente a produção em livros-reportagem como os de Caco Barcellos, temos algumas rotas de análise baseadas no livro ‘Rota 66 em Revista’ da jornalista Ariane Carla Pereira (2010). Partindo a uma análise específica do livro Rota 66, a pesquisadora busca compreender quais são os mecanismos discursivos utilizados por Caco Barcellos para narrar e descrever os fatos - a partir da sua perspectiva, claro.

A autora aponta que a intenção jornalística, no caso do livro-reportagem, não se limita a informar, mas chega também no patamar da denúncia e tentativa de alteração de uma dada realidade social. Barcellos apresenta nesta obra uma resistência dupla: primeiramente resiste ao jornalismo enquanto instituição que usa de métodos objetivos e imparciais para contar seus fatos, quando se posiciona de maneira clara; e numa segunda perspectiva da análise, ele ainda resiste ao poder instituído enquanto mantenedora da segurança do Estado, a Polícia.

Durante o Rota 66, como aponta PEREIRA (2010), e também perceptível na obra seguinte, Abusado (2004), o jornalista investe a si uma posição de poder, uma potência de quem pode e vai fazer algo em prol de outra pessoa. Com isso, ele assume uma função que passa de simplesmente notificar e reportar, mas tem caráter de denunciar e defender.

Ao evidenciar, principal e primeiramente em seus livros, algumas das situações dos conflitos éticos vivenciados pelos jornalistas ao longo de suas narrativas e produções, Caco Barcellos coloca a profissão numa posição de destaque e as suas práticas ganham contornos normalmente resguardados às redações e demais ambientes estritamente jornalísticos. Esta demonstração do que são os valores que guiam a sua produção são uma maneira de evidenciar as regras aparentemente imanentes à construção deste jornalismo. Logo, como aponta Gomes (2002) essas regras como características pertencentes ao próprio fazer jornalístico em si passa a integrar a *identidade* do próprio jornalista em suas ações.

A partir do momento em que o profissional abre e exhibe seu modo de operação, ele expõe sua relação com as discussões éticas que fazem parte da rotina de um jornalista. A práxis profissional passa a ser mostrada e fica mais evidente que tão importante quanto a discussão dos fatos e dados ali publicados é necessário que se faça também o questionamento acerca do motivo desses dados serem narrados da forma que são a todo o tempo na mídia.

Principalmente em seus livros, Barcellos aborda problemas e costumes dos jornalistas no dia a dia de uma apuração, mostra o quão importante é o profissional de jornalismo bem instruído para o seu trabalho. Preparação com a apuração e exatidão de dados, assim como a sensibilidade ao entrar em contato com uma fonte exposta a situações delicadas de sua vida pessoal são características marcadamente exaltadas por ele para que as matérias sejam capazes de gerar boas questões.

Além disso, ele destaca de maneira muito forte que há um limite entre a atuação do trabalho jornalístico que relata os acontecimentos e os evidencia para um debate e aquele trabalho que acaba influenciando nele. Dentre os aspectos fortemente encontrados nos dois livros-reportagem de Caco Barcellos, estão:

- Busca por documentação e cruzamento de dados constante para manter fidelidade da narrativa aos dados. Defendendo que uma cronologia dos acontecimentos é necessária ele apresenta, no Rota 66 a apuração dividida entre necrotério (atual, na narração) e do banco de dados encontrado no arquivo do Jornal Notícias Populares (em dados e acontecimentos antigos divulgados). Já no Abusado (2004), a lógica de multinarrativas em construção do subjetivismo coletivo - apontado por Eugênio Bucci (1997) como pilar do jornalismo noticioso, capaz de transmitir fatos - fica

mais evidente. Além das narrações, nos dois livros leva-se muito em conta as documentações oficiais, de policiais e também fotografias, santinhos de mortos e material de imprensa publicado sobre o assunto.

- Proximidade da fonte, com o cuidado de não contaminar a pesquisa jornalística: A presença do jornalista junto aos personagens deve ser ponderada para que o relato não fuja ao acontecimento, fato que é destacado de maneira constante nas narrativas dos dois livros. De maneira clara no *Abusado*(2004), o jornalista afirma que as entrevistas podem ter relatos subestimados ou superestimados pelas personagens, a depender do grau de intimidade da fonte com o jornalista. Neste caso também cabe a reflexão sobre o papel e a interferência “positiva” e circunstancial que o jornalista pode exercer por sua prática profissional. Como exemplo, no *Rota 66* há a cobertura de um dos casos que é afetada pela cobertura realizada pelo jornalista, na medida em que ele passa a acompanhar o inquérito na justiça ao lado da família de um dos agredidos. No *Abusado*, o último caso narrado acaba sem agressão ao acusado devido às filmagens;
- A prática do disfarce e da não-identificação é válida em algumas situações, quando se sabe previamente da indisposição em conseguir a informação ou for necessário para a aproximação de uma vítima. Para entrar num presídio e conversar com um dos acusados, Barcellos tenta não se identificar, na trama de *Rota 66*. Apesar da tentativa ser frustrada, ele já se justifica por uma prévia indisposição dos militares do presídio para com ele;
- Constante reflexão crítica com relação ao trabalho executado pela própria imprensa, numa condição dupla. O jornalista tem condição de ser quem entende os mecanismos de funcionamento internos, referentes à lógica do jornalismo brasileiro atual, e também deve saber olhar as lutas sociais que precisam de destaque. Vale ressaltar a entrada dele num enterro, no *Rota 66*, onde a imprensa é vista como integrada à PM e o jornalista culpa um posicionamento predominantemente “oficial” da imprensa. Também o posfácio do *Abusado*(2004), onde ele questiona o posicionamento dos demais membros da imprensa que, de alguma maneira, o culpavam pela morte de Marcinho VP.

Estes momentos das obras evidenciam os quatro principais eixos de discussão que Barcellos expõe de sua cobertura, segundo análises nossas em trabalhos anteriores. As diferentes histórias contadas têm várias formas de se mostrar; sobretudo para fazer um bom trabalho jornalístico é preciso contar com boa apuração; seriedade do jornalista - que deve ouvir a maior quantidade possível de fontes na construção daquela notícia para que ela seja o mais próxima possível da realidade – mas especialmente que o profissional seja ético.

5. A manifestação da ética na rotina produtiva do ‘Profissão Repórter’

O Profissão Repórter do dia 28 de maio de 2013 voltou ao tema da falta de leitos de Unidades de Tratamento Intensivo nos hospitais do país, tal como tinha feito em outro programa cerca de dois anos atrás. Desta vez, a abordagem teria um foco também voltado para os processos que acabam judicializando a ocupação desses leitos, dado que muitos casos atualmente são caracterizados por essa interferência do judiciário nas vagas de UTI.

Esta edição do Profissão Repórter passou por diversas cidades no Distrito Federal, foi também a Maceió, Cuiabá e Curitiba. Além disso, logo no início, a repórter Eliane Sardovelli expõe parte do seu trabalho de apuração e pesquisa de dados para generalizar os exemplos que foram encontrados na apuração. É com a impressão de que este problema está dado na realidade da maior parte dos brasileiros que se começa o programa.

Vale observar que a postura de Caco Barcellos é voltada, durante a maior parte do tempo, para um olhar de quem acompanha as decisões judiciais e que pode registrar o início da solução para aqueles casos relatados. Da mesma forma que foi feita no Rota 66, onde relatou buscar fontes de informação e dados de casos em necrotérios e hospitais, na procura por mapear os casos e delinear um padrão de vítimas. Além disso, a apuração faz uma ponte com os acontecimentos em Curitiba, onde uma médica é acusada de ministrar tratamentos letais aos pacientes em UTI para abreviar o período de estada no hospital e gerar mais vagas de Tratamento intensivo.

Ao final do programa, Caco Barcellos aparece em conversa com Sardovelli:

“Eu acho um caso extremamente delicado. E não sei se vocês sabem, mas foram no limite do limite do limite. Não acho legítimo a gente interferir pra que as coisas aconteçam e o nosso dever é contar que as autoridades não estão fazendo nada numa situação tão grave quanto essa. Mas, é claro,

quando eu falo do limite, se essa criança está correndo risco de vida, eu acho que nenhuma regra pode ser analisada de maneira fria.”. (BARCELLOS, 2013)

A repórter responde: “Eu também fiquei muito dividida, mas quando eu sou que era um risco seríssimo desse bebê, eu fiz o que pude como pessoa, né. Antes de ser jornalista a gente é humano”. Os casos continuam e a repórter narra já como pessoa que somente acompanha os acontecimentos. Narra a transferência do menor dos bebês para o leito da UTI e a chegada de outra criança para ocupar o mesmo local. Caco Barcellos dá a notícia da morte da criança em off e o programa finaliza com entrevista da médica que trabalhou no caso desde o início junto da repórter. Ela destaca a dureza do trabalho, explica fatores complicadores da saúde desta criança e fala sobre o valor da presença da presença da equipe ali.

Em outro programa, veiculado no dia 18 de junho, o jornalista aborda as manifestações de rua que se espalharam pelo país no dia anterior. Com a intenção de entender todos os lados envolvidos nos protestos, o programa já começa com a demonstração dos principais ideais dos manifestantes e uma das características ressaltadas é a recusa à imprensa, em especial a Rede Globo, na cobertura dos fatos.

Este momento é emblemático, pois salvo em momentos pontuais documentados, a rejeição à empresa (organizações Globo) poderia ser acompanhada de uma ressalva advinda de um discurso de autoridade de Barcellos com relação aos outros jornalistas. Ele tem seu lugar de destaque evidenciado até mesmo quando a chamada do programa diz que “Caco Barcellos e sua equipe vão mostrar os bastidores da notícia e os desafios da reportagem”. Nesta edição, com grande volume de conteúdo noticioso “quente”, as inserções de Barcellos, diferente de todo o conteúdo veiculado pela empresa naqueles dias, vinham com a identificação da Rede Globo no microfone.

Os outros repórteres, tanto em São Paulo quanto no Rio de Janeiro, usam câmeras portáteis, sem microfone, ou o usam sem a identificação como medida de segurança e dão sempre uma impressão de agilidade e inserção do jornalista ao acontecimento. Se logo na apresentação da edição fica exposta a pouca receptividade dos manifestantes, este item é colocado no início, expondo as condições de apuração, na qual Barcellos tenta se mostrar o mais aberto possível ao diálogo em diferentes frentes com diferentes personagens. Além

disso, foi ao ar também um trecho onde o jornalista alega que somente deixou de trabalhar em virtude da censura da ditadura militar e que aquela apuração deveria ser feita.

Critérios a respeito de identificação do jornalista ficaram submetidos à situação de apuração ágil que era imposta a essa edição do programa. Com uma característica diferente àquela presente nos demais episódios do programa, neste caso não houve tempo para o processo de edição e discussão dos processos de produção jornalística devido ao curto espaço de tempo entre os fatos e a veiculação do programa. Daí guardamos as principais diferenças entre as edições anteriores do Profissão Repórter e a que analisamos e ressaltamos que estas diferenças potencializam o quanto esta recusa ao jornalista chefe do programa pode ser vista como um momento marcante.

Além disso, a possibilidade de crítica à cobertura dos outros veículos de mídia é a forma mais evidentemente capaz de justificar a crítica feita à Globo e ao jornalista. Porém o programa não explora este tipo de possibilidade argumentativa de modo claro em momento algum. Os critérios e parâmetros mais visíveis na produção de Caco Barcellos acabam por transparecer de modo mais frequente ou evidente na produção audiovisual do jornalista quando a matéria tem mais tempo para ser elaborada/editada e Barcellos tem tempo para inserir trechos de discussão pertinentes à pauta e à apuração no corpo do programa.

4. Considerações finais

A busca pelos parâmetros éticos do trabalho jornalístico se baseia, antes de tudo, na prática diária dos profissionais. A utilidade da leitura que profissionais de referência fazem da rotina de trabalho e dos métodos de produção, entre apuração, edição e veiculação de um material jornalístico ganha relevância à medida em que estes discursos constituídos se tornam também falas de referência no que se refere à ética jornalística.

Caco Barcellos se estabeleceu como um profissional de referência na prática jornalística desde seu trabalho em revistas semanais, jornais, com seus livros-reportagem premiados e um programa de TV no qual ele está em posição quase professoral junto a jovens jornalistas. Com a discussão sobre parâmetros éticos internalizados nas práticas rotineiras da profissão trazem também questões relativas à identidade da profissão jornalística, que se colocam fortemente em voga na medida em que se discutem as práticas da rotina profissional.

O estabelecimento dos principais critérios éticos ressaltados por Caco Barcell

os em seus livros-reportagem, obras premiadas e de grande alcance no mercado editorial brasileiro, é importante para buscar o entendimento de quais são os valores éticos aparentes. A partir deste mapeamento de valores evidenciados é que buscamos uma correspondência destes no programa televisivo chefiado pelo jornalista.

Dentre as principais características relativas à ética e presentes no jornalismo de Barcellos, enumeramos características relativas à proximidade com a fonte na apuração dos fatos jornalísticos; a obrigatoriedade de identificação do jornalista no processo de produção como forma honesta de obter os dados, mas permissões a dificuldades previamente estabelecidas neste processo. Além disso podemos apontar uma grande preocupação em parecer crítico com relação ao trabalho jornalístico desenvolvidos pelos outros meios e, de maneira mais forte, a necessidade constante de busca por documentação de todas as formas para basear os dados.

A comparação destes parâmetros construídos e evidenciados nos livros-reportagem para aqueles evidenciados em episódios do Profissão Repórter se fez necessária para que analisássemos a coerência e a manifestação, em meios e momentos diferentes, dos critérios jornalísticos acerca da ética profissional. Para além disso, observou-se a presença de alguns destes critérios de modo mais ou menos claro nos programas e, quanto mais o caráter noticioso urgente ganha proporção e relevância na produção, menos claramente estas discussões se apresentam. Eles, inclusive, não pareceram claros o suficiente para que os manifestantes daquele momento (e mesmo em outros momentos e locais) deslocassem a produção deste profissional das demais produzidas pelo meio de comunicação para o qual ele trabalha.

Os critérios e parâmetros éticos da produção jornalística que são mais visíveis na produção de Caco Barcellos são mais evidentes nas ocasiões em que o programa e as matérias têm mais tempo para ser elaborada/editada. Assim Barcellos tem tempo para inserir trechos de discussão pertinentes à pauta e à apuração no corpo do programa, quase como se esta discussão se tornasse uma instância possível entre a edição e a veiculação e, se apropriando das críticas e questionamentos que vêm à tona na execução deste material, pode-se tornar uma instância reorganizadora deste material e dos processos de produção.

5. Referências

- ABRAMO, Claudio. *A regra do jogo: o jornalismo e a ética do marceneiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- BARCELLOS, Caco. *Abusado – O dono do morro Dona Marta*. 12ª ed. – Rio de Janeiro – Record, 2004.
- BARCELLOS, Caco. *Rota 66 – A história da polícia que mata*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- BUCCI, Eugênio. *Brasil em tempo de TV*. São Paulo: Boitempo Editorial. 1997.
- COUTINHO, Iluska. *Dramaturgia do telejornalismo brasileiro: a estrutura narrativa das notícias em TV*. Tese de doutorado (Umesp). São Bernardo do Campo, SP, 2003.
- DALMONTE, Edson Fernando. *É preciso ordenar a comunicação? Questionamentos acerca da necessidade de instâncias mediadoras entre a mídia e o público*. Estudos em Jornalismo e Mídia, Vol. 8, n. 1, 2011, p.21-39. Disponível: <www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2010v8n1p21>.
- GOMES, Itania Maria Mota. *Telejornalismo de qualidade – pressupostos teórico metodológicos para análise*. Anais do XV Congresso da Compós. Bauru, UNESP, 2006.
- GOMES, Mayra Rodrigues. *Ética e Jornalismo*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.
- KARAM, Francisco José. *Jornalismo, ética e liberdade*. São Paulo, Summus, 1997.
- MEYER, Philip. *A Ética no Jornalismo*. 1987 - ed.bras. Rio de Janeiro: Forense, 1991.
- NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*. 7.ed., São Paulo: Contexto, 2008.
- PEREIRA, Ariane Lima. *Rota 66 em revista: as resistências no discurso do livro-reportagem*. Guarapuava: Unicentro, 2010. 142p.